

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. IV MANINHOS.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1934 | Número: 44

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. IV Maninhos. *Revista de Guimarães*, 44 (1) Jan.-Mar. 1934, p. 39-50.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Curiosidades de Guimarães

IV

MANINHOS

(Cont. da pág. 190 do vol. XLII)

Por esse país fora, os vestígios do colectivismo rural são evidentes, e estão largamente confirmados e documentados.

No Gerez, os gados vão para as pastagens em *vezeira*, em manada, e o touro de cobrição pertence à *vezeira*, por isso é de todos. Há lagares comuns para a fabricação do azeite.

«Os direitos de propriedade dividem-se em quinhões, também chamados sortes ou peças, tendo cada um dos compartilhantes um ou mais quinhões» (1).

«O lagar tem uma organização muito semelhante à *vezeira*: há juiz, procurador e junta ou acôrdo, composta de 6 membros, os 6 homens de acôrdo. Para se dar princípio ao serviço do lagar, faz-se a convocação, mandando o procurador avisar todos os quinhoeiros, e nessa reunião marca-se a abertura do lagar e o dia em que êle se deve limpar e preparar. Estes serviços são feitos por todos. O azeite que da operação sobeja é dividido depois também por todos. Quem faltar aos chamados e serviços é multado.

Há águas comuns de rios, ribeiros e ravinas (*águas partidas*) e que se destinam à rega de diferentes veigas ou campos cultivados onde muitos têm partes, divididas apenas por regos. Nas veigas é que a água é repartida em tantas partes ou regueiras

(1) *Portugalia*, idem, idem, pág. 650.

quantas são precisas para facilitar a rega das diferentes sortes, leiras ou talhões.

A rega é feita *à vez*. A fim de regular o uso destas águas e marcar o dia para as meter nas veigas, limpar as levadas, etc., reúnem-se os interessados, deliberando em comum sôbre êsses assuntos» (1).

«Pena é que nunca da parte dêstes povos, que nos seus regulamentos mostram ter uma certa percepção natural da utilidade que lhes vem da união para o aproveitamento comum da riqueza das serras, houvesse algum conselho ou alguma iniciativa que os encaminhasse para que o regimen pastoril que adoptam se modificasse no sentido de obter o seu melhoramento» (2).

«Em Pitões, já na orla do planalto barrosão e em face do massiço gereziano, os terrenos de propriedade individual são insuficientes para a produção cerealífera necessária. Há, pois, que apropriar do baldio a área complementar. Decidido o local na assembleia, segue o povo a demarcar as glebas que deverão caber a cada um, iniciando-se a distribuição dos lotes pelo morador de uma das extremidades da povoação. Antes, todavia, procede-se à escolha da *cavada* da igreja, ou seja o terreno para ela, cumprindo a todos trabalhar nesta faixa e até ao fim, e destinando-se integralmente o produto *para Deus*. Lembra o costume helénico, e depois romano, da divisão da terra em lotes para a fundação de uma cidade, começando-se a distribuição só depois de postos de parte os que se atribuíam ao divino» (3).

Depois volta a reunir-se o povo, para ouvir as propostas dos guardas das cavadas, adjudicando-se a vigilância a quem se oferecer por menor número de alqueires, ficando responsável pelos prejuízos do gado até à sega.

A segada realiza-a cada um quando lhe apraz. O transporte do produto ao domicilio, é determinado para todos.

(1) *Idem*, *idem*, *idem*, pág. 651.

(2) *Idem*, *idem*, *idem*, pág. 648.

(3) *Formas da vida comunalista em Portugal*, por Rocha Peixoto, nas *Notas sôbre Portugal*, vol. I, pág. 74 e 75.

«Na vertente trasmontana do Marão certos povos reunidos em *chamados*, que são as assembleias locais, deliberam quais as leiras a escolher no maninho onde buscar, para a estação, o tojo indispensável aos adubos.

No dia prefixo todos os homens do povoado vão ao monte, realizando-se, com uma corda, a medição do polígono escolhido. Limitada a superfície, rectangular por exemplo, num dos lados dispõem-se, com as suas enxadas, os representantes dos casais; no lado oposto, um outro, considerado e experimentado, verifica se os moradores estão bem espaçados, mandando afastar ou aproximar quando tal é necessário para uma distributiva igualdade. Até que, julgando certo, clama alto: *Bem está!* — e todos, à uma, dão uma enxadada» (1).

A repartição faz-se depois por sortes, com os nomes de todos escritos em papéis. Ao primeiro nome cabe a primeira leira e assim sucessivamente.

«Semelhantemente em certas comunas belgas das Ardenas o território colectivo é anualmente dividido em tantas parcelas quantos os casais».

Ainda hoje, em certos lugares de Trás-os-Montes, os homens bons retalham e dividem diversas courelas maninhas pelos fregueses casados, em posse anual, para seu sustento e govêrno. Se calha de algum mancebo casar depois de feita a divisão, é-lhe ainda assim cedida alguma rafada geira de terra.

No Alto-Minho, anualmente se fazem pelos casais de algumas freguesias os sorteios, em lotes, dos montados maninhos.

«Na vasta chã de S. Vicente, na Serra das Alturas e nos restantes povoados de Terras de Barroso, os *coutos* ou reuniões dos agregados sociais têm lugar, de ordinário, na casa do forno, num largo, no adro ou no cruzeiro, e em geral depois da missa.

E' então que se resolvem melhoramentos e concertos, e ainda, em parte, se distribui a justiça, — ou sôbre queixas acêrca de terrenos comuns indevidamente absorvidos por outrem, ou acêrca da invasão de gados em domínio privativo dos reclamantes.

(1) *Idem*, pág. 76.

Os mesmos motivos, a repartição das águas, as sementeiras, os reparos na igreja, a substituição do touro local obrigam aos *ajuntos* minhotos, iguais assembleias anunciadas previamente no Soajo, em Parada do Monte e em Cidadelhe pelo toque da *car-rapita*. E' ainda com esta buzina que se notificam as reuniões aos povos de Germil e da Ermida, na Serra Amarela, assistindo o regedor e os cabos, e harmonizando os interessados, na liquidação de pendências, as seis figuras mais respeitadas, que são os *homens do acôrdo*.

Em Lindoso ainda os *ajuntos* são numerosos, os debates renhidos, as sessões lentas e até às vezes adiadas. De cada casal assiste um, sob a cominação, em caso de falta não legítima, da tradicional pena de multa; mas se o assunto a discutir é capital, apresenta-se a família inteira.

As vedações, a sementagem dos centeios e dos milhos, a guarda das uvas por escala e a vindima geral são, como os outros assuntos já sabidos, motivo da consideração e decisões comunitárias» (1).

«Um dos mais importantes, porém, é o congresso em que se fixam os dois dias das segadas.

De épocas remotas e imprecisas são os regulamentos que nas várias povoações do Gerez estatuem o pastoreio e, acessoriamente, ainda legislam sôbre outros aspectos de comunismo silvícola e agrário».

As câmaras transformaram uma parte dos diplomas e acordos populares em posturas, «como os *homens do acôrdo*, ou os *seis da fala*, são em geral o regedor, os cabos e outras pessoas de mais ponderação e experiência.

Mas, para melhor conhecimento elementar dos despojos de um arcaico regime social, cumpre ainda aludir a alguns aspectos suplementares e derivados.

No Campo do Gerez, como em todos os outros lugares da serra, o gado vacum pasce na monta-

(1) *Idem*, pág. 76 e 77. Ver também na «Portucal», vol. VII, n.º 37-38, a pág. 46, o artigo de Augusto C. Pires de Lima, intitulado: *As propriedades em comum*.

nha desde Maio ao S. Miguel, sob a guarda, à vez, de um montanheiro.

Já os da Gralheira não teem vigias. Cada um cuida do seu gado numa parte do baldio. Mas outra grande parte é arrendada pelo povo, durante dois meses, aos pastores que veem das bandas da Estrêla e adjacências, de Nelas e Casal Sancho, de Santa Comba e de Canas de Senhorim. E' a transumância, últimos e eternos despojos da idade longínqua da terra vaga — pois *a principio a terra era de ninguém* (Oliveira Martins) (1).

As vacas, segundo Rocha Peixoto, constituem a capital riqueza das alturas — em novilhos, leite, em trabalho e em parte dos adubos — e assim, para a produção das crias teem os serranos o touro ou os dois *touros do povo*.

Se se resolve a venda do que existe, a aquisição do substituto obtém-se por uma derrama que incide sôbre todos, na proporção das vacas que cada um tiver. Nas povoações de Montalegre e Boticas, há freqüentemente uma corte, um lameiro — *as lamas do touro* — e um palheiro para o feno, que é fornecido por cada um, na mesma igualdade e proporção do gado que apascenta.

«O costume vai-se desvirtuando e em muitas localidades já não cuidam do touro reprodutor, como em Castro-Laboreiro e em Miranda-do-Douro. E assim com os tempos irá esquecendo o admirável concêrto dos povos para a aquisição dêste indispensável coooperador da sua fortuna, extraíndo da própria terra quasi exausta os meios de realizarem a dita compra: em Germil era muitas vezes com o *carvão do povo* que o novo touro entrava no lugar» (2).

A necessidade insubstituível das regas determina o mesmo espírito comunitário para a divisão das águas de serventia.

«Estas utilizam-nas todos os moradores e promanam das nascentes e minas situadas no alto, derivando tumultuariamente pelos córregos, ravinas e algares.

(1) *Idem*, pág. 79 e 80.

(2) *Idem*, pág. 81.

Ao aproximar-se, porém, a época da irrigação forçada, faz-se o chamado e então na assembleia resolvem-se as desobstruções, as reprêsas, as *guias*, os desvios, regulando-se o tempo da rega por horas, meios-dias e dias.

O regime das *poçadas*, no Gerez, ainda vigora pelos preceitos dos antepassados, fielmente respeitados e cumpridos. E paralelamente aparecem ainda como manifestos vestígios as poças de grupos de herdeiros, a rega de torna e torna, etc.» (1).

Em Montezinho há dois moinhos do povo, com regulamentos diversos de moenda, *encaminhar das águas, picar das mós* e reparos indispensáveis.

«Com o moinho comum prende-se o forno do povo, tão freqüente ainda no planalto barrosão.

Em Campos, freguesia de Vieira, como por Barroso e Chaves, existe a *Casa do povo*. Chamam assim, em certas freguesias de Chaves, quiçá em tôdas, a uma casa, onde há um forno para todos cozerem o seu pão. Esta casa em geral fica no centro da povoação; está sempre aberta, e os pobres transeúntes passam lá a noite. Os fornos — algumas freguesias só têm um — são aquecidos à vez; em Chaves só os lavradores ricos aquecem o forno; os pobres valem-se da caridade dos ricos. Em Campos, todos os que cozem levam a sua lenha» (2).

Em quasi tôdas as freguesias de Montalegre há o forno comum, que é aceso por cada casal, à vez, e onde todos os fregueses cozem o pão, pondo nas boroas, para no fim as distinguirem, perneiras de arbustos e bandeiras de papel, de muitos feitios e côres. Este mesmo costume se observa em Castro-Laboreiro, etc., etc.

«No concelho de Mourão, havia uma grande extensão de terreno municipal, a que chamavam *coutada*, que até 1895 era anualmente dividido em tantas glebas quantos os chefes de família da vila, que as cultivavam. Além disto, a *coutada* servia também de pastagem para gado, tendo cada chefe de família o direito de aí man-

(1) *Idem*, pág. 82.

(2) *Vieira do Minho*, por P.º Alves Vieira, pág. 194.

ter determinado número de cabeças de gado. Em 1895 procedeu-se à divisão definitiva dêsse terreno em courelas que ficaram propriedade dos moradores vizinhos, pagando fôro à Câmara. Esta divisão trouxe, ao contrário do que muitos esperavam, graves prejuízos económicos para as classes pobres, pois que hoje a *coutada* é propriedade de número pequeno de indivíduos» (1).

Os indícios e os vestígios encontram-se afinal por tôda a parte:

«Manteem-se nestas terras (Cernancelhe) os usos e os costumes tradicionais de tôda a região; dêstes, o mais interessante, é o comunitarismo agrário. A eira, o forno, o lagar e o moinho, são comuns. Em comum se guardam os rebanhos, se faz a tosquia dos gados, a apanha do linho, a ceifa e debulha dos cereais, a exploração dos baldios pelas pastagens e a apanha da lenha, a utilização das correntes, na regá dos campos. Desconhecendo as teorias sociais e as utopias humanitárias, que dividem e revolucionam os povos, vivem da tradição. Aferrados à terra, para a terra educam os filhos» (2).

Lá para Bragança, em Rio-de-Onor, parece, onde se fala ainda hoje, em arraigamento tradicional, o codialecto *riodonorês*, existe também, em perfeito apuro inicial, o regímen da sociabilidade, pois todos trabalham para um monte, e dali, consoante as necessidades de cada um, o juiz do povo distribui e reparte os géneros e o dinheiro (3).

(1) Artigo de Agostinho Fortes, n-*A Língua Portuguesa*, vol. III, pág. 194.

Em artigo dêste mesmo escritor e na mesma revista, vol. III, pág. 131, vem o têrmo *adua*, que é um lugar no concelho de Mourão, onde durante o dia se conserva, fora da povoação, o gado suíno da gente de poucos recursos. A *adua* é um terreno municipal, baldio, e o gado que nêle vai alimentar-se, é guardado pelo *adueiro*, que recebe uma pequena importância por cada cabeça de gado.

(2) *Terras da Beira*, por Ab. Vasco Moreira, pág. 48.

(3) Pois faz-se vizinhança na raia bragançana. A propriedade é comum na comunidade familiar. O trabalho de amanho das terras e cultura agrícola faz-se por todos. Prejuízos e lucros por todos são divididos. E quem-não trabalha, ou não colhe os

«No Soajo um é por todos e todos são por cada um. Se nas grandes rixas têm a infelicidade de matar alguém, e se as autoridades administrativas se apresentam na localidade para inquirir, os soajenses não denunciam o culpado, mas respondem a uma voz: *Matámo-lo todos*.

E' para êles inviolável a hospitalidade. Quando alguém de fora vai ao Soajo, não tem mais do que entrar na primeira casa. Entrado que seja, apresentam-lhe de beber. Se não bebe logo o vinho que o hospedeiro lhe oferece, leva-o pela cabeça abaixo, como testemunho de consideração.

Não temos república neste alto Minho, mas temos comuna. E têmo-la de antiqüíssima data.

Na Serra Amarela se apascentam os gados, de Maio a Agôsto, em comum.

Tem a comuna a sua organização constitucional. E' esta: a freguesia está dividida em lugares (a que chamaremos cantões), e cada lugar possui governo seu, exercido por um juiz e um tesoureiro, presidente do cantão e ministro da fazenda.

As eleições fazem-se por sufrágio universal. O povo entrega ao juiz a *carrapita* (búzio) para o convocar, quando houver necessidade das suas deliberações.

As veigas de S. Miguel estão divididas em quinhões pelas famílias, mas estas não as cultivam. A cultura e a ceifa executa-as de um extremo ao outro

proventos da terra, ou paga para a comunidade a multa tributária, correspondente à jorna do trabalho, avaliada pelo mordomo.

O mordomo ou mordomos, um ou dois, são eleitos pelos *homens do povo*, chefes de família, para os trabalhos comuns e disciplina dos trabalhadores.

As roçadas do mato, o preparo das *lameiras* (prados naturais), a reparação dos açudes e abrimento das agüeiras, as sementeiras, ceifas, transporte de centeio ceifado, ordem e segurança das *boiadas* nas lameiras, todos os assuntos de ordem, disciplina e interesse comum, são dirigidos pelos mordomos eleitos.

A multa tributária é paga em dinheiro ou em vinho. O dinheiro destina-se à compra do vinho a distribuir por todos, ou reverte para as despesas do trabalho. — (*Os Pelourinhos Portugueses*, por Luis Chaves, pág. 36).

a comunidade, recebendo depois cada família o respectivo quinhão.

O cofre geral tira a sua receita da avultada verba do carvão e das multas. O cofre não pode ser aberto senão na presença do povo, e diante do povo é que o juiz distribui o dinheiro por ocasião de incêndio, morte de animal bovino e contribuições paroquiais. E' um cofre de socorros mútuos.

A pena maior é a da expulsão da freguesia. Resume-se em vizinho nenhum dar lume ao condenado, não consentir que vá buscar água à fonte, não falar com êle e nem responder à mais pequena pergunta que êle lhe faça. O individuo, isolado assim completamente, vê-se na necessidade de emigrar.

E' a antiqúissima pena de morte dos romanos pela interdição da água e do fogo» (1).

Vê-se, pelo decorrer dos casos relatados, embora falheiros nos que tocam à nossa banda, que entre o povo existe, em apurado sentimento de mutualidade e cooperação, uma cadeia de virtudes a fazê-lo levantar, em fé e humildade, à imagem e semelhança do Criador.

«Quando um individuo cai na indigência e, por doença ou por velhice, não pode trabalhar, o pároco informa disso o povo na ocasião da missa dominical e nomeia logo, de acôrdo com o regedor, algumas pessoas idóneas que, para occorrer à aludida necessidade, percorrem a freguesia tôda a solicitar donativos.

Noutro tempo, quando a um lavrador morria um boi, a sua carne, se aproveitável, era distribuída pelos demais lavradores da freguesia. Rejeitavam-na alguns, ou a inutilizavam; nenhum, porém, se negava a pagar o quinhão que lhe coubera. Em substituição desta prática, acordaram depois os lavradores em indemnizar integralmente, por meio de cotização, o dono da rês, quando para a sua morte êle não houvesse conscientemente concorrido.

Dias antes de uma terra ser lavrada, e às vezes também depois da colheita, permite-se aí a entrada

(1) *No Minho*, por D. António da Costa, págs. 179 a 183.

dos gados dos vizinhos, para aproveitarem o pasto» (1).

Ainda hoje, nos montes não vedados, a gente pobre arrebanha em necessidade, gravetos e fangulha, pinhas bravas e faíscas de eucaliptos, na doce paz duma liberdade complacente, que os proprietários menos ferozes e de coração pacato respeitam, pela dor da miséria e pelo frio das criancinhas, e ainda pela ensinança soberba que manda dar aos famintos pelo menos as migalhas (2).

Maior carinho social, maior vestígio de distribuição não invejada, não chorada, franca, é o deixarem muitos lavradores, no pé do bagaço das primeiras ou segundas lagaradas, fazer os cabaneiros e os pobres das redondezas do seu casal, a água-pé apeteçada, fumeguica, para a sequeira escaldante do verão.

As espadeladas e as esfolhadas são feitas pela gaiterice duma festa, paganismo de danças e de mascarados, onde o vinho corre sôbre o lastro de bacalhau frito e pão-mistura, graça de conversados à franqueza amiga dos bons lavradores e compadres (3).

O linho e a estôpa são distribuídos por muitas mulheres, que em suas casas levam seroadas de canseiroso fiar, e a paga dêste serviço consiste na reunião de tôdas essas mulheres, em dia aprazado, — todo o fio ali, em estrigas e maçarocas, sujeito a confrontos, — para a lauta empanturradela de sopa-doce, arroz e aletria (4).

(1) *Revista Lusitana*, vol. 21, pág. 303, artigo: Turquel Folclórico.

(2) Por Trás-os-Montes, em alguns sítios, depois de varejada a azeitona e as castanhas, aos pobres pertence a rebusca. — Noutras partes, em dia de S. Miguel, pode o povo ir aos pomares e tirar a fruta que quiser, sem que os proprietários possam protestar. (Ver vol. II do *Folclore da Figueira da Foz*, pág. 103).

(3) Em Felgueiras, as esfolhadas maiores são feitas por grupos de mulheres, que recebem a paga única do folhelho, para negócio.

(4) Há também quem dê a fiar (linho ou estôpa) *merendado*. Chamam *fiar merendado* à paga assim estabelecida: Por uma libra de linho (4 meadas) dão 10 escudos, um quarto de milhão e meio-quarto de feijão. Pela estôpa dão 6 esc. e a mesma quantidade de géneros.

Desnecessário se torna falarmos nas práticas idênticas das alegres vindimadas, vessadas, etc., etc.

¿ Mas tudo isso não são vestígios da longa exposição já feita? ¿ Do passado, não ficaram estas recordações a lembrar um viver agrário colectivo?

Há mais, porém.

O moleiro tem a paga equilibrada dentro do mesmo género da sua indústria, uma maquia por cada rasa de moedura; os cabriteiros matam pela recompensa da pele e um copo de vinho; os matadores porqueiros, pela comesaina da sarrabulhada e uma qualquer migalha de porco, pela maré de se *desfazer o bicho*; os meleiros, os abelheiros, tiram o mel dos cortiços ou colmeias, pela cera e uma pequena refeição; os barbeiros têm, em muitas freguesias ⁽¹⁾, a paga de uma rasa de pão por ano, de cada freguês, quer esteja barato ou caro; os sairreiros limpam e tampam as vasilhas pelo benefício das bôrras e do sarro e os açafateiros de Infias, fazem os açafates pela paga de metade das varas que lhes levam ⁽²⁾.

As lavradeiras, muitas vezes emprestam o seu fermento, ou dão parte dêle, sendo retribuídas pela graça de um bolo ou de um patusco. As galinhas chocas também se emprestam, recebendo-se a paga de um ou dois frangos, da ninhada que essa galinha criar.

Nos moínhos de azeite a paga é em percentagem de azeite, como, nos alambiques, a queima do bagaço é paga em aguardente. Nos moínhos de linho, regula pagar cada freguês um tambor de massa (que deve render meio afusal de linho) e 80 centavos por hora.

Os estrumes são vulgarmente cedidos, quer pelos habitantes da cidade, quer pelos cabaneiros, a troco de molhos de lenha.

Todos os amos deixam os criados plantar, em tira de terreno, para favoreza de cobres, meia ou uma rasa de batatas, e às criadas deixam as amas deitar 4 ou 6 ovos nas ninhadas, semear cebolo, etc.

(1) Pencelo, Fermentões, Gémeos, etc., etc.

(2) Por exemplo: de 30 dúzias de varas fazem açafates, cestas, etc., até o gasto de metade (15 dúzias), ficando depois com a paga das outras 15.

Os usos e as consoadas são um estímulo de antiga proveniência.

Mas há ainda mais.

Em 29-9-1483, o Cabido de Guimarães fez transacção com os moradores da freguesia de S. João de Ponte, de lhes dar dous almudes de vinho para a fogueira do Natal, e èles de malharem, um dia, as messes e trigos dos dízimos da freguesia, que eram do Cabido.

Alguns empregados e despenseiros dos conventos, mosteiros e misericórdias, recebiam os seus ordenados mínimos de dinheiro acrescidos da valia de bons cereais e comestíveis. No livro das contas da Misericórdia de Guimarães, de 1574, se vê: Ao solicitador, dois mil réis, dez alqueires de pão meado e duas rações cada semana, ao domingo e quarta-feira; ao carcereiro da cadeia da correição, quatro alqueires de milho.

(Continua).

ALBERTO V. BRAGA.